

Questões da qualidade

Crónica de Carlos Castilho Pais

Passatempo

Tradumática

Álbum de Fotografias

Impressões de viagem

Quality issues

Chronicle by Carlos Castilho Pais

For fun

Tradumatics

Photo Album

Travel musings



3

Contra a Corrente 🌸 Against the Current

28-1=27

4

Questões da Qualidade 🌸 Quality Issues

Pequenos textos... grandes falhas?

Small texts... major flaws?

5

“... da Ocidental praia lusitana” 🌸 “... from the Western lusitanian shore”

Vila Nova de Gaia

6

Em português 🌸 In Portuguese

Crónica de Carlos Castilho Pais / Chronicle by Carlos Castilho Pais

7

Gosta de flores? 🌸 Are you a flower fan?

8

Passatempo 🌸 For Fun !!!!!

9

Crónica das Leiras 🌸 *Leiras'* farm chronicle

*Homo Stupidus?*

11

Biblioteca 🌸 Library

(Re)leituras :: (Re)reading

Poemas de Vida :: Lifetime Poems

12

Derivações de um Guarda-Livros 🌸 Musings from a Bookworm

*Um sonho alvo*

*A target dream*

13

Tradumática 🌸 Tradumatics

Windows 10... com certeza!

Windows 10...certainly!

14

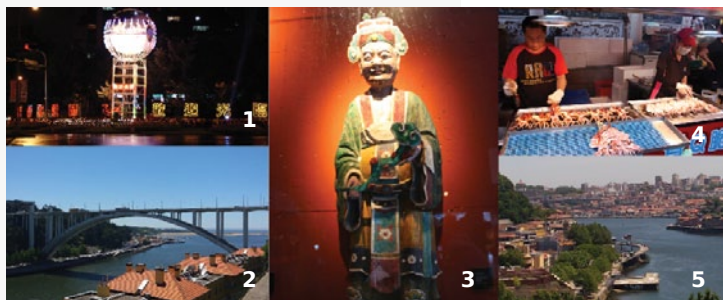
Álbum de Fotografias 🌸 Photo Album

21

Impressões de Viagem 🌸 Travel Musings

Da Formosa ao Rio das Pérolas: *Made in Taiwan...* ao som de Beethoven

From Formosa to the Pearl River: *Made in Taiwan...* backing music by Beethoven



1, 3 & 4 - Taiwan; 2 & 5 - Vila Nova de Gaia

$$28 - 1 = 27$$

Ainda não há muito tempo que um ilustre ‘contabilista’ português assim resumia a eventual saída do Reino Unido da União Europeia:  $28 - 1 = 27$ .

Tinha toda a razão. Temos vivido na Europa da contabilidade. Num tempo passado não muito distante, perante uma Europa destruída pela guerra e pelo horror, houve líderes que sonharam e concretizaram uma União pela paz e pelo desenvolvimento, pela solidariedade e pelo respeito dos direitos humanos. Mas isso, é claro, foi noutro tempo.

Agora:  $28 - 1 = 27$ .

E, porque a memória é curta, talvez, num tempo futuro não muito distante:  
 $27 = 0$ .

magazinephilos

FUNDADOR :: FOUNDER  
Sílvio Oliveira

EDITOR :: EDITOR  
Margarida Fonseca Silva

TEXTOS :: TEXTS  
philos

COLABORAÇÃO ESPECIAL :: SPECIAL COLLABORATION  
Carlos Castilho Pais

VERSÃO INGLESA :: ENGLISH VERSION  
Kevin Carrigy

DESIGN  
Vitor Silva  
Ricardo Fernandes

FOTOGRAFIA :: PHOTOS  
philos  
Sílvio Oliveira  
(Álbum de fotografias :: Photo Album)

PUBLICAÇÃO :: PUBLISHER  
philos - comunicação global, lda

WWW.PHILOS.PT  
ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.

Not so long ago a distinguished Portuguese ‘accountant’ summarised the possible exit of the United Kingdom from the European Union as such:  
 $28-1 = 27$ .

He was right. We have lived in a Europe of accounting. In the not so distant past, in a Europe destroyed by war and horror, there were leaders who dreamed of and implemented a union for peace and development, solidarity and respect for human rights. But that was, of course, in a different era.

Now:  $28-1 = 27$ .

Moreover, because memory is short-lived, maybe in a not so distant future:  
 $27 = 0$ . ■

Margarida Fonseca Silva  
(Managing Partner)



# Pequenos textos – grandes falhas?

## Small texts - major flaws?



Paula Pires  
-Quality Manager-

Na passada edição, coloquei a tónica nas ferramentas de Verificação Automática (QA Tools) e na indispensabilidade da sua utilização por tradutores e revisores. São ferramentas preciosas, porque, se pensarmos bem, libertam-nos para uma maior concentração nas “outras gralhas”, as que podem ocorrer sem qualquer hipótese de serem detetadas por essas ferramentas, e que não são poucas.

Já na edição nº 27, em Setembro de 2008, dedicámos esta secção a uma das mais perigosas das chamadas “gralhas”: a dos “contrários”, verdadeira praga que persegue impiedosamente todos os que se dedicam aos ofícios da escrita, seja como autores, ou, como é o nosso caso, como tradutores e revisores.

Aqui se evocou então Raimundo Silva, o revisor que, no célebre romance de Saramago sobre a “História do Cerco de Lisboa”, introduz uma gralha que altera completamente a narrativa, tal como consta da História de Portugal. Tratou-se da introdução de uma negativa que conferiu à frase o seu sentido oposto. Como então referimos, a “gralha” dos contrários é uma das mais frequentes, cuja gravidade dá direito a penalização, não só no Sistema de Avaliação da Qualidade implementado pela **philos**, como na generalidade dos Sistemas de Avaliação em vigor ao mais elevado nível das práticas internacionais adotadas para o nosso setor. E com razão, convenhamos: podem ser gravíssimas as implicações de uma “simples gralha” que traduz “ligar” em vez de “desligar”, “subir a temperatura” em vez de “baixar a temperatura”, e tantas outras situações críticas que podem configurar irreparáveis prejuízos para todos os envolvidos.

Se é verdade que todas as atividades humanas exigem maior ou menor dose de concentração, a nossa, seja enquanto tradutores ou revisores, é uma atividade verdadeiramente desafiante, também neste aspeto. Porque a nossa mente prega-nos uma partida ao mínimo descuido.

Vejam o seguinte exemplo:

Original: *Did you hear* about them?

Tradução: *Ouvi* falar deles?

Se a tradução correta for “Ouviu”, podemos pensar que o tradutor apenas se esqueceu de teclar a última letra”; mas, se a mesma for “Ouviste” ou “Ouviram”, então torna-se óbvio que, por uma fração de segundo, o cérebro se comportou como se fosse interrogado pelo texto e a tradução seguiu esse instantâneo reflexo...

É quase infinita, na verdade, a variedade de “partidas” que o cérebro pode pregar-nos e que não são passíveis de ser detetadas pelas ferramentas de verificação automática. Por isso, a releitura é fundamental. Não apenas em grandes projetos. Os projetos mais pequenos exigem redobrada atenção. Porque são esses que, aparentemente mais simples, economicamente menos compensadores, constituem uma autêntica “armadilha” para tradutores e revisores, convencidos ambos de que, à pequena dimensão, corresponde um menor risco de errar. **Não é verdade!**

The emphasis in the last edition was on Automatic Verification tools (QA Tools) and how their use by translators and proofreaders is absolutely essential. They are precious tools because, if we think about it, they free us up to concentrate on “other typos” that can occur without any chance of being detected by these tools, and which can be rather a lot.

In issue no. 27 of September 2008 we devoted this section to one of the most dangerous so-called “typos”, that of the “contrary”. This is a real pest that remorselessly pursues all those who dedicate themselves to writing, either as authors or, as is our case, as translators and proofreaders.

Here we should raise Raimundo Silva, the reviewer who, in the celebrated novel by Saramago about “The History of the Siege of Lisbon,” introduces a typo that completely changes the narrative as acknowledged in the history of Portugal. He added a negative to a phrase which gave it exactly the opposite meaning. The contrary “typo” is, as we have already indicated, one of the most frequent and the serious nature of this error leads to a penalty, not only in the Quality Evaluation System implemented by **philos** but also in most of the evaluation systems in place at the highest level of international practices adopted for our industry. And rightly so, we may agree: the implications of a “simple typo” can be serious, for example “turn on” instead of “turn off”, or “raise the temperature” instead of “lower the temperature”, and so many other critical situations that can cause irreparable harm to all involved.

While it is true that all human activities require a higher or lower level of concentration, our activity of translation and reviewing is also a truly challenging activity in this aspect. Because our mind plays games on us at the slightest oversight.

Take a look at the following example:

Original: *Did you hear* about them?

Translation: *Ouvi* falar deles? (Did I hear about them?)

If the correct translation is “Ouviu”, we may think that the translator just forgot to enter the last letter “i”; but if it is “Ouviste” or “Ouviram” then it becomes obvious that, for a split second, the brain behaved as if it were being questioned by the text and the translation followed this instantaneous reflex.

The variety of “tricks” that the brain can play on us and which are not likely to be detected by automatic verification tools are, in fact, almost infinite. That is why re-reading is fundamental. This is not only the case in large projects. The smallest projects also require careful attention. Such small projects, apparently simpler and with lower financial rewards, are a veritable “trap” for translators and reviewers, as both are convinced that the smaller size corresponds to a lower risk of making mistakes. **This is not true!** ■

# Vila Nova de Gaia



\* Luís de Camões (1524-1580)

O Porto é, por estes dias, um dos destinos turísticos mais apetecidos pelos viajantes que buscam encantos que, segundo dizem os entendidos, jamais se encontrarão fora do Porto. Estamos de acordo, pois claro!

O que muitos desconhecem é a ligação umbilical de duas cidades que se encontram e se transformam num destino turístico único.

Falar do Porto, é, em parte, falar de Vila Nova de Gaia ou, simplesmente, Gaia.

Seduzidos pelas paisagens, arquitetura, gastronomia e pela fama hospitaleira das suas gentes, rapidamente os visitantes adotam o Porto como um destino imperdível.

Admirar e passear no Douro, o rio que une as duas cidades, visitar as caves do Vinho do Porto, captar cenários idílicos do Porto, ao amanhecer ou ao entardecer, são apelos a que ninguém deixará de responder afirmativamente.

Mas, e onde é que isto tudo acontece? Em Gaia!

As famosas caves do Vinho do Porto encontram-se em Gaia. As melhores vistas do Porto, espalhadas por esse mundo fora, pelos operadores turísticos, pelas redes sociais, como que a recordar os intemporais postais ilustrados, só se conseguem... a partir de Gaia.

É por isto que Gaia e Porto são um único destino unido pela história, pela geminação territorial, pelas suas gentes e pela sua cumplicidade.

Quando visitamos Budapeste, não dizemos, apesar de a história ser bem mais conhecida, que vamos até Buda ou até Peste, simplesmente dizemos que vamos a Budapeste – até porque a sua união administrativa, de facto, existe desde finais do Séc. XIX.

Se, por aqui, também já aconteceu no Séc. XIX a junção entre Gaia e Vila Nova, quem sabe, um dia, o mesmo não acontece com Gaia e Porto?

Entretanto, unidos pelo rio, cá estamos à vossa espera!

Porto is presently one of the most desirable tourist destinations for travellers seeking charms that, according to the experts, cannot be found anywhere else. Do we agree with that, of course we do!

What many are unaware of is the umbilical connection between the two cities that meet and become a single tourist destination.

Speaking of Porto is to partly speak of Vila Nova de Gaia, or simply Gaia.

Seduced by the landscapes, architecture, cuisine and the welcoming reputation of its people, visitors quickly adopt Porto as an unmissable destination.

To admire and wander along the Douro, the river that joins the two cities, visit the port cellars, capture the idyllic scenery of Porto at dawn or dusk, are attractions that no-one can say no to.

But, where does all this take place? In Gaia!

The famous port cellars are in Gaia. The best views of Porto, scattered throughout the world by tour operators, the social networks, which bring to mind the timeless illustrated postcards, can only be achieved...from Gaia.

This is why Gaia and Porto are a unique destination united by history, by the twinning of the territories, the people and their complicity.

When we visit Budapest we do not say, even though the history is better known, that we are going to Buda or even to Pest, we simply say we are going to Budapest – especially since its administrative union occurred, in fact, at the end of the nineteenth century.

Here in Portugal, Gaia and Vila Nova were also joined in the 19th century, and who knows, maybe the same will occur one day with Gaia and Porto?

In the meantime, we are here waiting for your visit, joined by the river! ■



# Em português In Portuguese

Carlos Castilho Pais

[professor universitário :: university professor]



Há exactamente um ano, abordámos aqui a publicação do *Don Quijote* que Andrés Trapiello colocou em castelhano atual. Referimos, naquela altura e a propósito, a experiência de Graça Moura sobre *Os Lusíadas* e dois tradutores portugueses da obra de Cervantes.

Pretendo, agora, desenvolver um pouco mais aquilo que no meu texto se afirmou de uma forma apressada. Trata-se de um fenómeno de tradução na mesma língua, sim, embora este fenómeno deva considerar-se esporádico.

Desde logo, é o próprio Trapiello quem coloca a questão no texto introdutório ('Algunas razones') da sua publicação: «El Quijote es una gran partitura en la que cada lector interpreta...». Qualquer texto é uma partitura, e, com maioria de razão, se se tratar de um texto literário. E o tradutor é um leitor, como sabemos. Na tradução feita há-de transparecer uma leitura, ou, como diz Trapiello, as 'cadências' próprias do leitor/tradutor. Nestas cadências encontraremos as 'soluções' do tradutor para palavras, construções ou expressões linguísticas, se cotejarmos original e tradução.

São conhecidos os 'descuidos' do autor de *Don Quijote* (Cervantes), consubstanciados no emprego de certas tautologias que prejudicam o estilo de qualquer obra, quer ela seja escrita em língua castelhana, quer em língua portuguesa. 'Salió fuera', 'entró dentro' – são tautologismos, entre outros, que Trapiello achou por bem conservar. E, nisso, Andrés Trapiello é tradutor: a fidelidade identifica aquilo a que chamamos tradução.

Cotejo esta publicação de Trapiello com a edição do IV Centenário do *Quijote* da Real Academia Espanhola, pejada de notas explicativas, num total de oito, logo no primeiro período da obra. Ela começa deste modo: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivía un hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor.».

Em Trapiello, as alterações são significativas: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, vivía no ha mucho un hidalgo de los de lanza ya olvidada, escudo antiguo, rocín flaco y galgo corredor.» Porventura, a lança 'en astillero' é o que de mais difícil à compreensão do leitor atual se encontra neste período. De resto, ela é objeto de nota na edição da Academia. Mas, por aqui, podemos perceber o trabalho realizado por Andrés Trapiello sobre a obra de Cervantes: alterações na estrutura frásica, omissões de redundâncias, troca de palavras ou expressões por outras, que, no todo, tornam a obra mais propícia à leitura.

A história da 'lança' tem constituído um 'problema' da tradução do *Quijote*. Lembro o caso português e os tradutores mais recentes da obra, tradutores já conhecidos dos leitores destas crónicas. Refiro-me a Miguel Serras Pereira e a José Bento. Para o primeiro, na sua tradução do *Quijote* publicada pela editora Dom Quixote, a 'lanza en astillero' é uma «lança no cabide»; para o segundo, na editora Relógio d'Água, é uma «lança guardada no armário».

Este exemplo de cotejo de traduções, demonstrará, se preciso for, que a lança do fidalgo Dom Quixote continua a ser aquilo que Cervantes queria que ela fosse: uma lança esquecida, uma lança não utilizada. Traduções portuguesas e publicação de Andrés Trapiello caminham nesse sentido.

Exactly one year ago, we discussed here the publication of *Don Quijote* that Andrés Trapiello had translated to modern Spanish. We mentioned at that time, in respect of this topic, the experience of Graça Moura with the *Os Lusíadas* and two Portuguese translators with the work of Cervantes.

I now intend to develop in more depth that which was referred to in passing in my text. It is a translation phenomenon in the same language, even though this phenomenon should be considered sporadic.

Trapiello himself raised the question in the introductory text ('Algunas razones') of his publication: «El Quijote es una gran partitura en la que cada lector interpreta...». Any text is a score and, dictated by reason, if it is a literary text. The translator is a reader, as we well know. A readable text shall arise from the translation or, as Trapiello says, the very 'cadences' of the reader/translator. We shall find in these cadences the 'solutions' of the translator for words, linguistic constructions or expressions, if we compare the original and translation.

The 'oversights' of the author of *Don Quijote* (Cervantes) are well known, embodied in the use of a certain tautology that jeopardises the style of any work, whether it is written in Spanish or Portuguese. 'Salió fuera' ['exited outside'] and 'entró dentro' ['go in inside'] – are examples of tautology that Trapiello thought should be preserved, among others. In this regard, Andrés Trapiello is a translator: the fidelity identifies what we call translation.

I compare this publication of Trapiello with the 4th centenary edition of *Quijote* of Real Academia Espanhola, with attached explanatory notes – a total of eight right at the start of the work. It starts like this: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivía un hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor.»

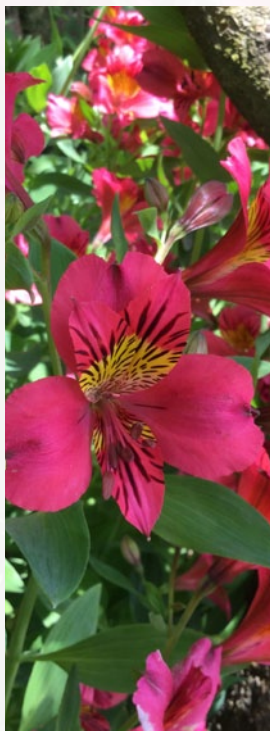
The changes by Trapiello are significant: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, vivía no ha mucho un hidalgo de los de lanza ya olvidada, escudo antiguo, rocín flaco y galgo corredor.» Perhaps the spear 'en astillero' is what is most difficult for a modern reader to understand of that period. It is the subject of an explanatory note in the Real Academia Espanhola publication. Here, we can see the work done by Andrés Trapiello on Cervantes' work: changes in sentence structure, omission of redundancies, exchange words or expressions for others which, on the whole, make the work more reading-friendly.

The story of the 'spear' has been a 'problem' for translations of *Quijote*. It brings to mind the Portuguese case and the most recent translators of the work, translators already familiar to readers of these chronicles. I refer to Miguel Serras Pereira and José Bento. In relation to the former, in his translation of *Quijote* published by Dom Quixote, the 'lanza en astillero' is a «spear on the hangar»; while the latter states it is, in the publication by Relógio d'Água, a «spear stored in the armoury».

This example of differing translations will demonstrate, if such is necessary, that the spear of the nobleman Dom Quixote continues to be that which Cervantes wanted it to be: a forgotten spear, one that is not used. The Portuguese translations and publication of Andrés Trapiello go in that direction. ■

# Gosta de flores?

## Are you a flower fan?



Nome esquisito, não é? Pois... não tem nada a ver com os astros. O seu nome científico é *Alstroemeria* e foi assim batizada em homenagem ao botânico Claus von Alstroemer, pelo seu amigo sueco Carl Nilsson Linnæus (Carl von Linné) – sim, esse mesmo que recordamos de cada vez que dizemos que alguma coisa é “vulgar de Lineu”. No século XVIII, este cientista sueco criou um sistema universal de classificação de todos os seres vivos, o *Systema Naturae* que ainda hoje é utilizado. Designado “Príncipe dos Botânicos” pelo extraordinário legado que deixou, Carlos Lineu, considerado hoje “pai da ecologia”, foi admirado por nomes maiores da cultura, como o dramaturgo August Strindberg, que dele terá dito: “Lineu era na realidade um poeta que por acaso se tornou um naturalista”.

São assim, as flores: apenas pelo seu nome, podem fazer-nos viajar pelo tempo e pela história, pela ciência, pela literatura... e pela geografia. As astromélias viajaram até nós a partir da América do Sul e os seus muitos e variados híbridos pintalgam de cor os nossos jardins.



Weird name, isn't it? It has nothing to do with the stars. Its scientific name is *Alstroemeria* and it was so named after the botanist Claus von Alstroemer by his Swedish friend, Carl Nilsson Linnæus (Carl von Linne) - yes, the same we remember every time we say something is as “common as Linnaeus.” In the eighteenth century, that Swedish scientist created a universal system of classification of all living beings, the *Systema Naturae*, which is still used today. Carl Linnaeus is called the “Prince of Botanists” for the extraordinary legacy he left. He is today considered the “Father of Ecology” and he was admired in his time by the biggest names of culture, such as the playwright August Strindberg, who said of him, “Linnaeus was in reality a poet who by chance became a naturalist”.

This is the case with flowers, since just their name can make us travel through time and history, science, literature ... and geography. The Astromelias travelled to us from South America and its many and varied hybrids splash colour all over our gardens. ■

## AstroméliaAstromelia



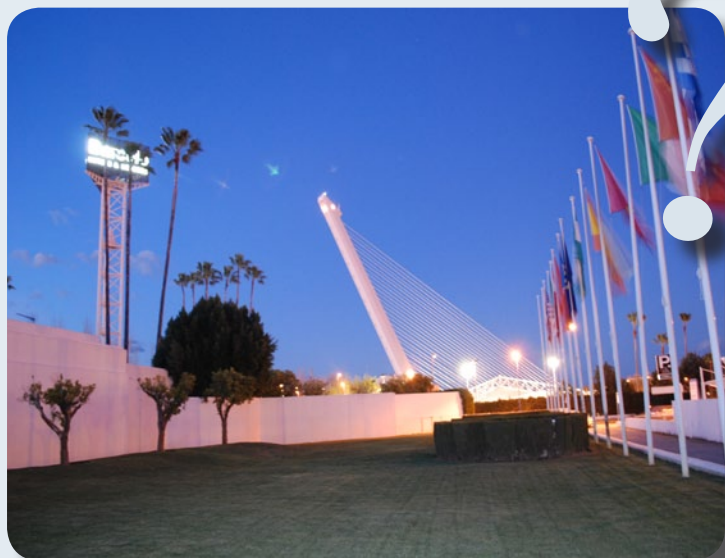


# Passatempo For FUN

Mais uma obra icónica de um arquiteto que continua a marcar o nosso mundo. Sabe qual o nome desta ponte e em que cidade se encontra?



Another iconic work of an architect whose art has been shaping our world. Do you know the name of the bridge and of the city? ■



## Edição anterior Last Issue

Na última edição, apenas uma resposta certa: Estação Central de Helsínquia.  
Parabéns à nossa fiel leitora!



Only one of our faithful readers has got it right: it is the Helsinki Central Railway Station. Congratulations! ■







## Homo stupidus?



Dom Biralbo da Porta do Olival

Agora deu-me para a poesia, que querem vocês? Acho que são saudades duma coisa que os humanos chamam “Primavera” e que já nem me lembro de ver... ou melhor, de sentir. Neste momento em que vos escrevo, fazem 35 graus aqui nas minhas leiras. Isto admite-se? Anteontem, chovia e fazia frio. É assim como se fosse Inverno e pino de Verão, dia sim, dia não.

Curioso é que os humanos, quanto mais calor têm, mais se deitam ao sol a esturricar o pêlo! Se eles usassem, como eu, o mesmo casaco todo o ano... É certo que o meu pêlo fica mais grosso e quentinho no Inverno, depois fica mais leve e fresquinho no Verão... Mesmo assim, amigos humanos: experimentem usar o meu casaco, aposto que deixam de precisar de tostar o pêlo no Verão...

Mas, digo-vos que estou mesmo muito preocupado: ouvi dizer que a tal Primavera vai mesmo desaparecer de vez, porque os humanos estão a fazer coisas esquisitas nas leiras deles. Assim como se eu, aqui nestas minhas leiras, desatasse a beber a água toda duma vez, a acender fogos dia e noite para me aquecer, a correr e a voar dentro dumas passarolas fumarentas, a encher as hortas de venenos para ter ervas gigantes que tornassem os coelhos muito gordos... Ora, não acredito! Os humanos não hão de ser assim tão estúpidos!

Bem, cá vos deixo então o meu momento de poesia. Desta vez, é duma senhora chamada Sophia, que significa sabedoria. Enquanto houver humanos assim, poetas e sábios, não há de faltar-nos a Primavera. Vocês não acham?

*Quando à noite desfolho e trinco as rosas  
É como se prendesse entre os meus dentes  
Todo o luar das noites transparentes,  
Todo o fulgor das tardes luminosas,  
O vento bailador das Primaveras,  
A doçura amarga dos poentes,  
E a exaltação de todas as esperas.*

(Sophia de Mello Breyner Andresen in “Dia do Mar”)

I’ve now developed a penchant for poetry, how about that? I think it’s because I miss something that humans call “spring” and I don’t even remember seeing ... or rather feeling it. It’s 35 degrees here at my Leiras farm, at the time I’m writing to you. Is this permitted? The day before yesterday it was raining and cold. It’s as if it were intermittently winter one day and the height of summer the next.

What is strange is that the hotter humans are the more they lie out in the sun to scorch their hair! If, like me, they wore the same coat all year... It is true that my hair is thicker and warmer in winter, and then gets lighter and cooler in the summer ... Still, my human friends: try wearing my coat and I bet you’ll stop toasting your coat in the summer...

But I can tell you that I’m really worried: I heard that spring will disappear altogether, because humans are doing strange things in their farms. It’s as if I, here in my farm, drank all the water at once, lit fires day and night to warm myself, ran and flew in some smoky giant birds, filled the gardens with poisons to have giant plants that might make the rabbits very fat...

Well, I don’t believe it! Humans will not be so stupid!

Anyway, here’s my moment of poetry. This time it is from a woman named Sophia, which means wisdom. While there exist humans like this, poets and sages, spring will not abandon us. Don’t you think so?

*When I unfurl at night and clench the roses  
It’s as if there were trapped between my teeth  
All the moonlight of the clear nights,  
All the glow of the bright evenings,  
The dancing wind of Spring,  
The bitter sweetness of the setting suns,  
And the exaltation of all the waits.*

(Sophia de Mello Breyner Andresen in “Dia do Mar”)







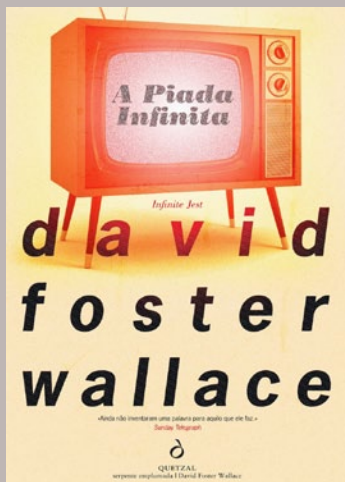


## A PIADA INFINITA Infinite Jest

DAVID FOSTER WALLACE

Tal como os homens não se medem aos palmos, também os livros por eles escritos não se medem às páginas. Nem sempre o mais conciso é necessariamente melhor; nem sempre o extenso é necessariamente uma estopada; nem sempre uma péssima capa equivale a um péssimo texto...

A *Piada Infinita*, sob o peso das suas massivas 1200 páginas, não é, como outros livros de grande dimensão, um falso monstro. Ou seja, não é um livro que, não obstante as dificuldades logísticas (Como o segurar confortavelmente? Como o encaixar na mala?), se leia quase de rompante, sem dificuldades de maior para seguir uma sequência narrativa pronta a digerir. Não. Esta indispudada obra-prima da ficção americana é, de facto, um livro difícil, que exige trabalho do leitor, pelo menos, um que compense parcialmente aquele que o seu autor teve para urdir uma associação espantosa de tramas, tempos, personagens, temas principais e secundários.\*



Não queremos, com isto, dizer que os livros menos trabalhosos não devam ter, para si, um tempo e lugar reservado. Por vezes, serão tudo aquilo de que precisamos. Porém, numa perspetiva mais abrangente, é essencial que a literatura nos compile a ser mais que meros recetores passivos de informação, mais que espetadores neutralizados por um entretenimento letal. No fundo, é importante que nos peça para ler... e pensar. Receber e dar de volta.

\* Se quer ter uma ideia do que falamos, pesquise «infinite jest diagram» num qualquer motor de busca, e pasme-se.



As a man is not judged by his physical stature, the books he has written can also not be judged by the number of pages. The most concise is not always the best; nor is the longest book necessarily a bore, or does a bad cover always mean a bad text.

*Infinite Jest*, with its massive 1200 pages, is not a false monster like other extensive books. In other words, it is not a book that, leaving the logistical difficulties aside (how to comfortably hold it, how does it fit inside your bag), can be read almost at once, without major difficulties in following a narrative sequence that is easily digested. For this undisputed masterpiece of American fiction is indeed a difficult book, which requires work by the reader, at least to partially offset the work of the author in weaving together an amazing combination of plots, time, characters, major and minor topics.\*

We do not mean to say with this that less labour intensive books should not have a time and place reserved for them. Sometimes they will be everything we need at that specific time. However, from a broader perspective, it is essential that literature calls on us to be more than mere passive receivers of information, more than spectators neutralised by lethal entertainment. Basically, it is important that it asks us to read ... and think. To receive and give back.

\* If you want to have an idea of what we are talking about, search for “infinite jest diagram” in any search engine, and prepare to be amazed.■

## Picado pelas abelhas Stung by the bees

Ainda mal o sol nascera  
Já a multidão descera à praça principal  
Era o grande ajuste de contas  
E as pessoas estavam prontas a acabar de vez com o mal  
Tinham sido anos a fio  
A lutar com a fome e com o frio  
Ao som de promessas de pão e de conforto  
Agora o povo queria o poder  
Já não tinha mais nada a perder  
Quando um homem tem vida de cão  
Mais lhe vale ser morto

O sangue correu pelo chão  
Em nome da revolução e o povo acabou por vencer  
Celebrou-se a liberdade  
A igualdade e a fraternidade que acabavam de nascer  
Mas ao chegar a vez de cada um  
Trabalhar para o bem comum  
Começaram os dissabores  
E em vez de ficarem unidos  
Dividiram-se em mil partidos  
No fundo, todos queriam ser  
Ditadores.



The sun had only just risen  
And already the crowd had gone down to the main square  
It was the major settling of accounts  
And people were ready to end evil once and for all  
They had been doing it for years on end  
Fighting hunger and cold  
To the sound of promises of bread and comfort  
Now the people wanted power  
They no longer had anything to lose  
When a man has a dog's life  
Better off being killed

Blood ran on the floor  
In the name of the revolution and the people ended up winning  
Freedom was celebrated  
Equality and fraternity had just been born  
But when it was each one's turn  
Working for the common good  
The trouble started  
And instead of remaining united  
They split into a thousand parties  
Basically, everyone wanted to be  
Dictators.■

JORGE PALMA \*

\*JORGE PALMA (1950-) SERÁ, DECERTO, UM DOS CANTAUTORES CUJOS NOMES SÃO MAIS RAPIDAMENTE RECONHECIDOS PELO GRANDE PÚBLICO PORTUGUÊS, TALVEZ APENAS IGUALADO POR SÉRGIO GODINHO (COM QUEM, ALIÁS, LANÇOU RECENTEMENTE UM NOVO PROJETO). COM UMA CARREIRA, QUASE SEMPRE A SOLO, QUE SE ESTENDE PELAS ÚLTIMAS QUATRO DÉCADAS, AS SUAS LETRAS PARTILHAM, POR NORMA, UM PENDOR SENTIMENTAL; SEM QUE, NO ENTANTO, A SUA OBRA DESCURE UMA CERTA VISÃO DA POLÍTICA E/OU DA SOCIEDADE, COMO NESTE CASO...

JORGE PALMA (1950-) IS CERTAINLY ONE OF THE SONGWRITERS WHOSE NAME IS READILY RECOGNISED BY THE PORTUGUESE GENERAL PUBLIC, PERHAPS ONLY EQUALLED BY SÉRGIO GODINHO (WITH WHOM HE, INCIDENTALLY, RECENTLY LAUNCHED A NEW PROJECT). JORGE PALMA'S CAREER, ALMOST ALWAYS SOLO, STRETCHES OVER THE LAST FOUR DECADES. THE WORDS TO HIS SONGS, AS A RULE, HAVE A SENTIMENTAL BENT WITHOUT, HOWEVER, HIS WORK NEGLECTING A CERTAIN VISION OF POLITICS AND/OR SOCIETY, AS IS THE CASE HERE...



## Um sonho alvo A target dream



Artur Semedo

Acordas à hora costumeira. Um simples despertar urbano, regado a café amargo, longe de uma quietude bucólica de chilreios, ou de fulgores de alvoradas pintadas em tons de aquarela. O que ouves, lá fora, são sussurros de um fim de semana prolongado, bocejos de ócio que se estendem por dias inconstantes de sol e chuva.

Ligas o computador, que arranca, como tu, a contragosto, exigindo atualizações que não sabes muito bem para que servirão. Sentas-te, por fim, respiras fundo e, enquanto tentas expirar controladamente, abres um novo documento. Aí está ela, a tua velha némesis, a página em branco.

Já passaram trinta minutos, e ela permanece, desafiante, olhando-te nos olhos, que ardem, ressequidos. Sempre que te aproximas do teclado, recuas instintivamente à mesma velocidade. Não sabes, não tens a certeza de qual deva ser, afinal, a primeira palavra, nem a segunda, nem a terceira... não sabes, não tens a certeza do que dizer.

A página, esta página, assim, inviolada, tem em si todas as possibilidades, todas as histórias, todas as ideias, todas as filosofias do mundo. Assim que começares, tudo isso se esboroará, reduzindo-se inelutavelmente, até não restar mais que uma pífia parcela de uma totalidade ambicionada.

Quanto tempo passou entretanto? Não sabes. Por que não arriscas? Um A. Um B. Um C... Escrever todo o abecedário de rompante. Ou encher páginas e páginas, cada uma delas com uma letra repetida de início ao fim. Depois, misturar tudo. Não é, afinal, nisso que consiste escrever? Misturar as letras como quem mistura notas para assim criar uma música?

Tens a sensação de que, lá fora, o sol se vai desvanecendo. Não tens a certeza, porque a tua angustiante fixação te impede de desviar o olhar da mancha imaculada diante de ti. Estás a respirar demasiado rápido, a acelerar o ritmo cardíaco, sentes-te tonto, talvez vás desmaiar, e a maldita página continua sem sequer um carácter...

Consegues vê-la a alastrar, até ocupar todo o espaço do ecrã. Consegues senti-la a sair do espaço digital, a tornar-se numa coisa tangível. Consegues cheirá-la, enquanto ela ocupa todo o espaço do quarto, enquanto ela te envolve e, perante o teu desespero, te diz, sussurrando num afago terno: «Pronto, está tudo bem.»



Wake up at the time usual. A simple urban awakening, washed down with bitter coffee, far from a bucolic stillness of twittering, or bright dawns painted in watercolour tones. What you hear out there are the whispers of a long weekend, idle yawns that span erratic days of sunshine and rain.

Turn on the computer that starts up, like you, unwillingly, requiring updates that you do not quite know what they are for. At last you sit down, breathe deep, and then open a new document while you try to exhale controllably. There it is, your old nemesis, the blank page.

It's been thirty minutes and it remains defiantly there, looking you in the eyes, which are burning, parched. Whenever you approach the keyboard, you instinctively draw back at the same speed. You do not know, you're not sure what must be, after all, the first word, or the second or third, come to that. You don't know, you're not sure what to say.

The page, this page, untouched, has all possibilities, all the stories, the ideas, all the philosophies of the world. Once you start all this will fall away, reducing itself inescapably, until nothing more than a negligible portion of an aspired whole is left.

How much time has passed? You don't know. Why don't you risk it? Type in an A, a B, a C... Write down the whole alphabet in a flash. Or fill pages and pages, each with a letter repeated from beginning to end. Then mix everything together. Isn't this, after all, what writing is all about? Mix the letters as if mixing notes in order to create a song?

You have the feeling that outside the sun is fading away. You're not sure because your harrowing fixation prevents you from looking away from the pristine spot before you. You're breathing too fast, your heart rate is speeding up, you're feeling giddy and perhaps you are going to faint, and the damn page still doesn't have any words on it, not even one.

You can see it spreading until it occupies the entire screen space. Can you feel it coming out of the digital space, becoming a tangible thing. You can smell it as it fills the entire space of the room, as it envelops you and then tells you, in your desperation, whispering with warm affection, «There, there, it's okay.» ■





## O Windows 10... com certeza!

### Windows 10... certainly!



Ricardo Fernandes


Ainda na dúvida se deve ou não atualizar o seu sistema para a última versão do sistema operativo da Microsoft? Não hesite mais, pode e deve fazê-lo agora.

O Windows 10 está ainda mais seguro graças às últimas versões do Windows Defender e da Firewall do Windows, não há razões para se manter nas versões antigas deste sistema.

Se tem uma das versões *home* ou *pro* do Windows 7 ou Windows 8, pode atualizar gratuitamente até ao final do mês de julho.

Importa referir que, logo após a instalação ou atualização, o Windows Defender fica ativo e a funcionar para proteger o seu PC contra software malicioso. Contudo, se já tiver ou quiser instalar outra aplicação antivírus, o Windows Defender **desliga-se automaticamente**.

Outra vantagem é que o Windows Defender utiliza proteção em **tempo real** para analisar tudo aquilo que transferir ou executar no seu PC. Esta funcionalidade, por vezes, pode complicar alguns processos, assim, aqui fica a dica de como a desativar:

Para aceder às configurações de segurança e desativar a proteção em tempo real, utilize o botão Iniciar  e, em seguida, selecione Definições > Atualização e segurança > Windows Defender.

Importa referir que não é de todo aconselhável esta ação não tendo outra aplicação de proteção ativa.

Após instalar o Windows 10, o seu computador estará seguro e atualizado, pelo que pode deixá-lo sozinho em casa e... sair para aproveitar o verão! Quando regressar de férias, todo o sistema do seu computador estará, certamente, apto a trabalhar com segurança.

Are you still in doubt whether or not to upgrade your system to the latest version of Microsoft's operating system? Do not hesitate any more, you can and must do it now.


Windows 10 is even safer thanks to the latest versions of Windows Defender and Windows Firewall, there is no reason to keep working with the old versions of this system.

If you have the home or pro version of Windows 7 or Windows 8 you can upgrade for free until the end of July.

It is important to note that Windows Defender becomes immediately active and functioning to protect your PC from malicious software after the installation or upgrade. However, if you already have or want to install another antivirus application, Windows Defender will automatically turn off.

Another advantage is that Windows Defender uses real time protection to analyse everything you transfer to or execute on your PC. This feature can sometimes complicate some processes, so here is a tip on how to disable it:

To access the security settings and disable the real-time protection, use the Start button  and then select Definitions > Update and security > Windows Defender.

It should be noted that this action is not recommended if you do not have any other application providing active protection. Your computer is safe and updated after installing Windows 10, so you can leave it alone at home while you go out to enjoy the summer! When you return from your holiday the full system of your computer will certainly be available to work in security. 

# ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Recordamos nestas páginas fotografias do nosso sócio fundador, Sílvio Oliveira, e também citações extraídas dos seus livros e autores preferidos.

“É incrível a pertinácia e a solidez com que cada nova geração e cada nova ideologia pensa ser totalmente nova e inédita. Por isso não aprende nada do passado e repete cegamente os mesmos erros.”

Génese / Genesis

Francesco Alberoni



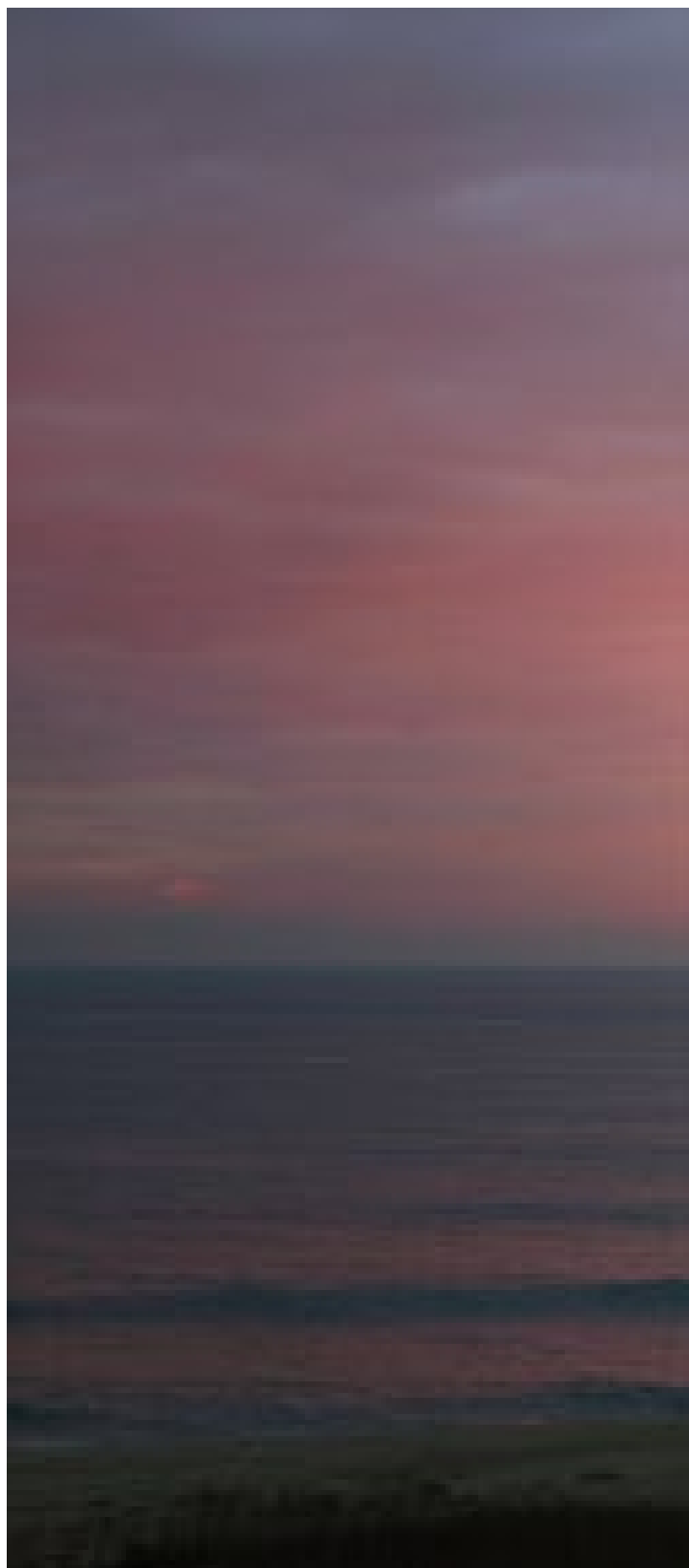
## PHOTO ALBUM

On these pages we gather photographs in remembrance of our founding partner, Sílvio Oliveira, and also citations from his preferred books and authors.

“The tenacity and strength with each new generation and each new ideology thinks it is entirely new and unprecedented is totally amazing. That is why they do not learn anything from the past and blindly repeat the same mistakes.”

Génese / Genesis

Francesco Alberoni



















# da FORMOSA ao RIO das PÉROLAS

from  
FORMOSA  
to  
PEARL RIVER



# Made in Taiwan... ao som de Beethoven

## Made in Taiwan... backing music by Beethoven



Margarida Fonseca Silva

Fotos de / Photos by **Yang Lin**

Com um sistema eleitoral democrático recente, Taiwan partilha com o continente chinês a memória de Sun Yat-Sen, considerado por ambos como Pai da Nação, por ter fundado a Primeira República após o derrube da Dinastia Qing. Foram os conturbados anos do fim do Império, da ocupação japonesa até ao fim da II Guerra Mundial e posterior implantação da República Popular da China, no continente, e da República da China, em Taiwan.

Ainda antes do “made in China”, foi tempo do “made in Taiwan”, com um surto de desenvolvimento assente na melhoria das qualificações da população, mas, também, numa política de baixos salários e exigentes práticas laborais. O apoio dos Estados Unidos foi determinante para uma industrialização voltada para as exportações, e a sua influência cultural é bem visível até na terminologia utilizada nas placas de sinalização rodoviária.

Com a abertura da República Popular da China, o afluxo de cidadãos continentais e a deslocalização para o continente de grandes consórcios localizados em Taiwan, parecem adiados os velhos sonhos duma independência que a grande China não tolera e a cena internacional não reconhece. Na metrópole de 6 milhões de habitantes que inclui a cidade de Taipé e a cintura periférica de Nova Taipé, a subida em flecha do custo de vida ao longo da última década veio colocar em causa as aspirações dos mais jovens a um nível de vida mais ocidentalizado.

### Experiências intensas...

A gastronomia é, talvez, a faceta cultural que melhor reflete a diversidade de etnias do território: os aborígenes austronésios, hoje uma comunidade residual na zona mais oriental da ilha; os chineses da etnia han, que afluíram à ilha a partir do século XVIII e constituem a quase totalidade da população; e a influência dos japoneses que colonizaram a ilha durante 65 anos (1885-1945) e a quem Taiwan ficou a dever grandes avanços civilizacionais (o consumo

de ópio e costumes primitivos como “os pés de lótus” das mulheres foram banidos durante a ocupação japonesa).

A culinária típica é uma das atrações de mercados noturnos de Taipé como os de Shilin e Raohe. Especiarias como o gengibre, a canela, o aniz estrelado, sementes de funcho e a malagueta, temperos que substituem o sal por açúcar, mostarda, molho de soja e vinho de arroz, pastas de amendoim e feijão preto fermentado, a gordura de porco em frituras como a do tofu – são fontes de aromas intensos e paladares desafiantes.

Abundam os moluscos e os mariscos, mas também as salsichas de porco de sabor adocicado, enroladas em pasta de arroz frito. Mais exóticos são os ovos de galinha ou de pato que, na China Continental, são objeto duma, digamos assim, maturação prolongada, permanecendo enterrados durante três meses em argila e cal antes de serem consumidos; em Taiwan, a receita tradicional coloca os ovos a marinar num líquido de origem animal tão peculiar que me não atrevo aqui a revelar... Em ambos os casos, a clara e a gema solidificam e adquirem um tom bem escurinho.

Existem em Taipé inúmeros restaurantes que servem as melhores iguarias da culinária asiática e taiwanesa, como é o caso dos “dumplings” (pasteis de massa quase translúcida com uma infinidade de recheios) e das famosas tortilhas de ostra, além de menus de fusão e de gastronomia ocidental (italiana, francesa, brasileira, entre outras). Em cafés e casas de chá de influência “retro” ou inspirados por tertúlias artísticas, é possível saborear a apreciada doçaria e a imensa variedade de chás de Taiwan, mundialmente reconhecidos pela sua qualidade.

O teatro de fantoches, ícone cultural de Taiwan, e a ópera chinesa, são traços definidores duma civilização que os taiwaneses preservam. O Museu Nacional (National Palace Museum), cujo acervo outrora pertenceu à Cidade Proibida de











Pequim, reúne testemunhos de grande beleza dos oito mil anos de história do Império do Meio.

Em Nova Taipé, o Museu de Cerâmica (New Taipei City Yingge Ceramics Museum), na histórica cidade da cerâmica de Yingge, dá a conhecer a história de uma das mais antigas artes taiwanesas.

### A Formosa Ilha

É essa que os navegadores portugueses avistaram nas viagens quinhentistas, e que de Formosa batizaram sem que, porém, a ela tenham aportado... Separada da costa sudeste da China pelo estreito da Formosa, espalhando-se no profundo contraste entre as altas montanhas a oriente e, a ocidente, o suave planalto de Chianan, onde hoje vive a maior parte dos seus 23 milhões de habitantes.

Sun Moon Lake (de um lado tem a forma do sol, do outro desenha a lua em quarto crescente), o maior lago natural da ilha, outrora povoado pelos indígenas Thao, que subsistem na vizinha ilhota de Lulu.

Hualien, a antiga Kiray, onde no séc. XVI os espanhóis exploraram minas de ouro, hoje lar da maior comunidade aborígene taiwanesa, devota da religião cristã.

O Parque Nacional do Taroko, com o seu desfiladeiro elevando-se numa extensão de 20 quilómetros ao longo do rio Liwu e o seu túnel das nove voltas, miradouro de assombrosas paisagens.

Yu Shan, com 3 952 metros de altitude, o mais alto dos seis picos da ilha que se elevam a mais de 3 500 metros.

O Parque Nacional de Kenting, no extremo sul da ilha, e os seus 60 km de barreira de coral, o farol Eluanbi e a zona costeira de Maobitou.

É, certamente, com o pensamento na beleza que a ilha preserva ainda, que os taiwaneses suportam os milhões de scooters e de viaturas circulando em hora de ponta nas ruas de Taipé...

Por razões sanitárias, foi criada uma rotina surpreendente: em vez



de ser depositado em contentores, o lixo é colocado pelos habitantes diretamente dentro dos camiões; a horas certas, as pesadas viaturas alertam os moradores, mas, decerto para aliviar a pressão do ruído urbano, o alarme é constituído por notas musicais... sim, de Beethoven, e da sua bela sonata “Für Elise”, uma das mais conhecidas melodias das “caixinhas de música”.

Embora conste haver, no vizinho Japão, gado bovino cuja engorda deve o seu especial sucesso à música de Mozart, não sei se Beethoven não preferiria continuar surdo perante uma tão, digamos, bizarra utilização da sua música... Ainda assim, esta foi, certamente, uma das mais picarescas impressões da nossa viagem...



Taiwan, with a recent democratic electoral system, shares the memory of Sun Yat-Sen with the Chinese mainland, considered by both countries as the Father of the Nation for having founded the First Republic after the Qing Dynasty was overthrown. Those were troubled years at the end of the Empire, the Japanese occupation until the end of World War II and subsequent implementation of the People's Republic of China on the mainland, and the Republic of China in Taiwan.

“made in Taiwan” came about before “made in China”, as Taiwan underwent a development boom based on improving people's qualifications and also a policy of low wages and demanding labour practices. The support of the USA was crucial for industrialisation geared to exports, and its cultural influence is clearly visible in many aspects including the terminology used in road signs.

The opening up of the People's Republic of China, the influx of mainland citizens and relocation to the mainland of large consortia located in Taiwan seem to have postponed the old dream of independence that big China does not tolerate and the international community does not recognise. In the metropolis of 6 million inhabitants which includes the city of Taipei and the peripheral belt of New Taipei, the sharp rise in the cost of living over the past decade has called into question the aspirations of young people to have a more westernized standard of living.





### Intense experiences...

The cuisine is perhaps the cultural facet that better reflects the ethnic diversity of the territory: the Austronesian aborigines, now a residual community in the easternmost part of the island; the Han Chinese who have flocked to the island from the eighteenth century and constitute almost the entire population; and the influence of the Japanese who colonised the island for 65 years (1885-1945) and thanks to whom Taiwan made large civilizational advances (the consumption of opium and primitive customs such as women's "lotus feet" were banned during the Japanese occupation).

Typical cuisine is one of the attractions of the night markets of Taipei such as Shilin and Raohe. Spices like ginger, cinnamon, star anise, fennel seed and chili pepper, seasonings that replace salt for sugar, mustard, soy sauce and rice wine, peanut pastes and fermented black beans, pork fat in fried foods like tofu - are sources of intense aromas and challenging tastes.

Molluscs and shellfish abound, but also sweetened pork sausages wrapped in fried rice paste. More exotic foods are chicken or duck eggs, which on mainland China are the subject of, shall we say, prolonged maturation, remaining buried for three months in clay and lime before being consumed. The traditional recipe in Taiwan puts the eggs to marinate in an animal liquid that is so peculiar that I dare not reveal it here... In both cases, the white and the yolk solidify and acquire a darkened tone.

There are countless restaurants in Taipei serving the best delicacies of Asian and Taiwanese cuisine, such as "dumplings" (almost translucent dough pastries with

a multitude of fillings) and the famous oyster tortillas, as well as fusion menus and Western cuisine (Italian, French, Brazilian, etc.). In cafes and teahouses with a retro influence or inspired on artistic groups, you can try the much appreciated desserts and wide variety of teas from Taiwan, recognised worldwide for their quality.

The puppet theatre, a cultural icon of Taiwan, and Chinese opera are defining traits of a civilization that the Taiwanese preserve. The National Palace Museum has a collection that once belonged to the Forbidden City of Beijing, which comprises items of great beauty of the eight thousand years of history of the Middle Kingdom.

The Ceramics Museum in New Taipei (New Taipei City Yingge Ceramics Museum), in the historic ceramics city of Yingge, illustrates the history of one of the oldest Taiwanese arts.

### Formosa Island

This was the island sighted by Portuguese navigators in the sixteenth century, and they called it Formosa without, however, landing there. It is separated from the southeast coast of China by the Strait of Formosa. It spreads from tall mountains in the East to the heavy contrast of the gentle Chianan plateau in the west, where most of its 23 million inhabitants now live.

Sun Moon Lake (from one side it is shaped like the sun on the other it has the outline of the moon in its first quarter) is the island's largest natural lake, once populated by indigenous Thao people, who still live on the neighbouring island of Lalu.

Hualien, the former Kiray, where the Spaniards ran gold mines in the 16th century,

is today home to the largest Taiwanese aboriginal community, devout Christians.

The Taroko National Park, with its tall gorge, 20 kilometres along the River Liwu and its tunnel of nine turns, a breath-taking landscapes viewpoint.

Yu Shan, at 3952 metres high, is the highest of the six island peaks rising over 3500 metres.

The Kenting National Park at the southern end of the island, and its 60 km of coral reef, the Eluanbi lighthouse and Maobitou coastal zone.

It is certainly with their thoughts on the beauty that the island still preserves, that the Taiwanese are able to bear millions of scooters and vehicles travelling through Taipei's streets in rush hour.

An amazing routine has been created for health reasons: household waste is not deposited in dustbins, but placed by the inhabitants directly into the waste collection trucks at specified times. The heavy vehicles warn residents they are passing by, but almost certainly to relieve the pressure of city noises, the warning consists of musical notes... Beethoven's beautiful sonata "Für Elise" is chimed out, one of the most famous melodies of "music boxes".

Although it is said that there are cattle in neighbouring Japan where their fattening owes its particular success to Mozart's music, I think maybe Beethoven would rather prefer to remain deaf faced with such a, shall we say, bizarre use of his music. Still, this was certainly one of the most picaresque impressions of our trip. ■









Esperamos que tenha gostado. Voltamos em setembro.  
Hope you have enjoyed. We will be back in September.